

## **Alguma coisa outra no lugar dela mesma**

*Os movimentos do corpo em torno do seu próprio eixo, ou em deslocamento no espaço, configuram uma forma de desenho. Um desenho invisível, uma trajetória que não deixa vestígio e que tem sua existência na dimensão do tempo.*

*Apreendê-lo na sua totalidade é acompanhar seu desenvolvimento no seu próprio tempo de duração. E ele se completa apenas na percepção e no registro da memória. É diferente do rastro que um risco deixa no papel, fruto do gesto da mão que conduz o lápis. O registro desse trajeto se nos apresenta na sua totalidade, de um só golpe. Acompanhar esse traço com o olhar é poder se aproximar do tempo de duração de seu caminho no campo da folha.*

*Há uma estreita relação entre gesto, desenho, movimento e dança: no caso do campo da folha de papel, o risco é testemunho de um gesto que o conduziu; o gesto se presentifica no desenho através do risco. Na dança, ao inverso, o gesto do corpo em movimento é testemunho de uma trilha invisível.*

*Falar de um desenho do corpo no espaço e no tempo remete-nos à questão essencial da estrutura da dança – o movimento, que é também a essência da noção de risco: trajetória, deslocamento.*

*Enfim, são territórios que se interpenetram, e aproximam o desenho, a dança e o gesto enquanto cúmplices no movimento.*

*Toda tentativa de registrar os movimentos da dança, ou de reproduzi-los no plano de uma folha, resulta em alguma coisa outra no lugar dela mesma. Dança e desenho se relacionam apenas na dimensão do tempo.*

*O conjunto majoritário de trabalhos que compõem esta exposição utiliza-se do traço como ferramenta, como recurso para a representação; pois a concepção da obra coreográfica tem seu “corpo”, sua (i)materialidade em outra dimensão que a do campo da folha. Estamos, portanto, no território do simbólico por excelência.*

*O interesse é mostrar como é possível traduzir em esquemas gráficos, notações, escrita, este desenho etéreo, quer seja nas etapas de criação do trabalho coreográfico, de duração ou registro posterior.*

*É provável imaginar que a coreografia surge, em suas primeiras linhas, em imagens mentais, em “pensamento visual”. Pode, então, fazer uso de esquemas gráficos aproximativos, anotações ou desenhar-se pelo próprio corpo no espaço: o corpo esboça, rabisca, elabora seu “desenho final”, pois há o gesto inscrito na sua própria memória.*

*Num outro momento, aparece a questão do registro posterior: notações, escrita, fundamentalmente. As notações, na realidade, se aproximam da escrita: constituem-se em linguagem codificada cuja leitura pressupõe um conhecimento prévio. Aproximam-se, na sua concepção, de partituras musicais.*

*Comparece também o registro fotográfico, congelando instantes do movimento da dança, e que numa sucessão de imagens dá conta de “sugerir” um desenho.*

*E, finalmente, o recurso do vídeo para elaboração de estudos coreográficos e para registro posterior, situação em que o desenho da dança se refaz, em outro suporte, no seu verdadeiro tempo de duração.*

*Nesta quarta etapa do projeto, poderíamos concluir que o conceito de desenho se faz presente em quase toda sua abrangência, assumindo diferentes papéis, revelando-se em suas mais diversas e inusitadas formas.*

*No registro do desenho da dança, a possibilidade de retê-lo. Tentativa de capturar o intangível.*

*março 1996*